

# POR UM MÉTODO DE ESCUTA SENSÍVEL DAS CRIANÇAS

SUMÁRIO EXECUTIVO DA PESQUISA DE ESCUTA DE CRIANÇAS REALIZADA POR ANA CLÁUDIA LEITE E GANDHY PIORSKI EM SÃO PAULO (SP), PORTO ALEGRE (RS), BRASÍLIA (DF), RECIFE (PE) E BOA VISTA (RO) DE 2018 A 2020.



## + Expediente

### INSTITUTO ALANA

**PRESIDENTE** Ana Lucia de Mattos Barretto Villela

**VICE-PRESIDENTES** Alfredo Egydio Arruda Villela Filho e Marcos Nisti

**DIRETORAS-EXECUTIVAS** Flavia Doria e Isabella Henriques

**DIRETORA-EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Marisa Ohashi

**TESOUREIRO** Daniel Costa

**DIRETOR ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO** Carlos Vieira Júnior

**DIRETORA DE ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO** Fernanda Flandoli

**DIRETORA DE ARTICULAÇÃO E EXPANSÃO** Mariana Mecchi

**DIRETOR DE POLÍTICAS E DIREITOS DAS CRIANÇAS** Pedro Hartung

**DIRETORA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DA INFÂNCIA** Raquel Franzim

**DIRETORA DE PESSOAS E CULTURA** Renata Lirio

### FUNDAÇÃO BERNARD VAN LEER

**CEO** Michael Feigelson

**DIRETORA DE PROGRAMAS** Andrea Torres

**REPRESENTANTE NO BRASIL** Cláudia Vidigal

### PROJETO DE PESQUISA DE ESCUTA DE CRIANÇAS REALIZADO POR ANA CLÁUDIA LEITE E GANDHY PIORSKI EM SÃO PAULO (SP), PORTO ALEGRE (RS), BRASÍLIA (DF), RECIFE (PE) E BOA VISTA (RO) DE 2018 A 2020

**COORDENADORA-GERAL E PESQUISADORA** Ana Claudia Arruda Leite

**COORDENADOR DA METODOLOGIA E PESQUISADOR** Gandhi Piorski

**ARTICULAÇÃO COM PARCEIROS LOCAIS** Diana Silva

**REGISTRO AUDIOVISUAL E SONORO** David Reeks e Paulo Plá

**PRODUÇÃO EXECUTIVA** Belmira Produtora

**PRODUÇÃO LOCAL - RECIFE** Luciana Accioly

**PRODUÇÃO LOCAL - BRASÍLIA** Julia Hormann

**PRODUÇÃO LOCAL - PORTO ALEGRE** Leo Scott

**GERENTE ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO** Carlos Vieira

**ANALISTA ADMINISTRATIVA** Keillane Feitosa Paiva

**SECRETÁRIA ADMINISTRATIVA** Vilmara Nunes

## **SUMÁRIO EXECUTIVO POR UM MÉTODO DE ESCUTA SENSÍVEL DAS CRIANÇAS**

**COORDENAÇÃO** Pedro Hartung

**AUTORES** Ana Cláudia de Arruda Leite e Gandhi Piorski

**COLABORADORA** Letícia Carvalho Silva

**TRADUÇÃO** Andrea Marques e Daniel Pereira Maciel

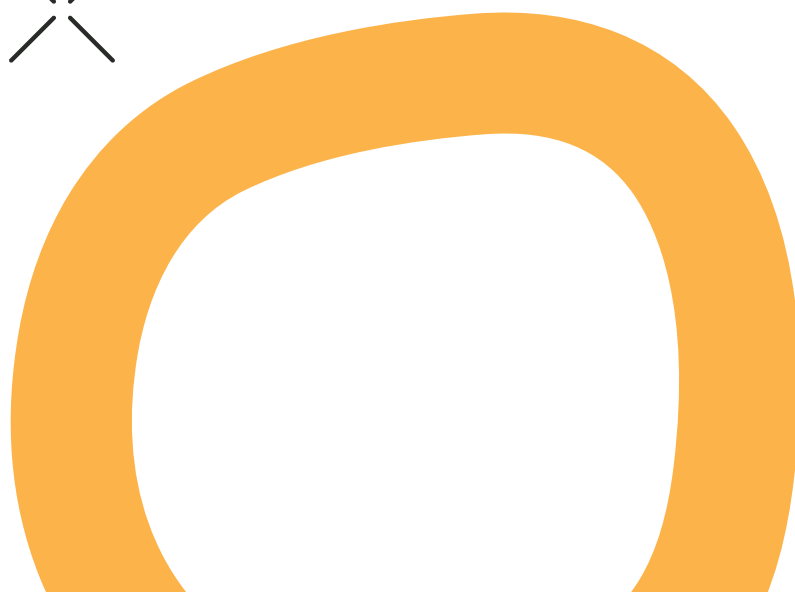
**PROJETO GRÁFICO** Mariana Leme Barbosa

**REVISÃO DE TEXTO** Jádía Timm - Retraversa

**COLABORAÇÃO EDITORIAL** Fernanda Peixoto Miranda

**FOTOS** Produções das crianças participantes do projeto

**SUPERVISÃO GRÁFICA** Helaine Gonçalves



## **+ Parceiros institucionais**

### **BOA VISTA**

CENTRO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (CCTI)  
OBRAS SOCIAIS DO CENTRO ESPÍRITA EURÍPEDES BARSANULFO  
PRÓ INFÂNCIA  
PROJETO URBAN 95 BOA VISTA

### **BRASÍLIA**

ASSOCIAÇÃO PRÓ-EDUCAÇÃO VIVENDO E APRENDENDO  
CASA DE ISMAEL  
COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM DO PARANOÁ - CAP  
ESCOLA BILÍNGUE LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS  
INSTITUTO OCA DO SOL

### **PORTO ALEGRE**

APAE PORTO ALEGRE  
CEIA - CENTRO DE INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
EMEI PARQUE DOS MAIAS  
ONG RENASCER DA ESPERANÇA

### **RECIFE**

ARIES - GALERIA PORTOMÍDIA  
CENTRO CULTURAL DARUÊ MALUNGO  
MOVIMENTO PRÓ CRIANÇA  
USINA DO IMAGINÁRIO

### **SÃO PAULO**

ASSOCIAÇÃO LARAMARA  
BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO  
CCA PAULO VI  
COLÉGIO EQUIPE  
EMEI GABRIEL PRESTES  
ESCOLA AMORIM LIMA  
ESPAÇO ALANA

## **Agradecimentos - crianças participantes da pesquisa**

### **CRIANÇAS DE BOA VISTA**

Ana Clara Gibim Bento  
Artur Damasceno Ladislau  
Axel Cristiam Moura Coelho  
Benício dos S. Silva  
Caio Araújo da Silva  
Cauê dos S. Silva  
Dhanylo Fagner Paixão da Silva  
Luan Mecias Paixão da Silva  
Luiz Emanuel Gomes Gonçalves  
Mateus Daniel Bezerra Beltrão  
Mathias Benício Vitorino Araújo  
Pedro Guilherme Gomes Gonçalves  
Rayssa Santos Silva  
Sabrina Sousa Barros  
Tiffany dos Santos Rodrigues

### **CRIANÇAS DE BRASÍLIA**

Alessandro Diniz Govea  
Arthur Henrique S. Meireles  
Calebe da Silva Brito  
Danilo Gomes Galeno  
Gabriel Costa Pinhal  
Gabriel Pereira Soares  
Haron de Avelar Adnawe  
Izabely Cristoay Nascimento Silva  
Juca Alves Polejack  
Kauã Martiniano Mota

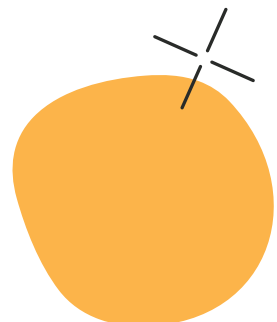
Kelly da Silva Soares  
Laura Gyovana Gomes Brasil  
Leandro Diniz Govea  
Maria Julia de Silva de Araujo  
Paola Oliveira da Silva  
Samuel Müller Ferreira Cortes  
Sophia Pontes Santos  
Sophia Rodrigues Atoides  
Thais Leite Dias  
Yasmin Gabrielly Marques da Silva

## **CRIANÇAS DE PORTO ALEGRE**

Alanna Nunes Lemos  
Brayan Rocha de Souza  
Emerson Diogo Carvalho  
Felipe Dias Nascimento  
Kênya Ferreira Pio  
Kiara Eloy Ribas  
Lavinia Goulart dos Santos  
Lucas Martins Oliveira  
Monike de Vargas de Moura  
Nathaly Ceabrilly Ouvildo Simão  
Pedro Adiles Rosa Perfeito  
Ramon Eloy  
Vander Gabriel Moreira

## **CRIANÇAS DE RECIFE**

Arielly Alves dos Anjos  
Ashilley Victoria Alves Barbosa  
Ayoka Lucia de Lima Smit  
Beatriz Ketylin Aparecida Farias de Souza  
Brayam Manoel Menezes do Nascimento



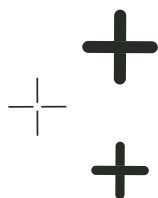
Cecília do Rêgo Ferreira Lima  
Davi Pereira da Costa Roque  
Esthefany Vitória Bezerra da Silva  
Flavia Kaline Fortunato da Silva Pereira  
Isa de Andrade Lima Anderson Porto  
Izabelle Vitória Sales de Andrade  
Kayo Henrique Lima da Silva  
Letícia Íris Menezes do Nascimento  
Lindauria Fernanda da Silva Barros  
Lucas Henrique Ferreira da Silva Santos  
Matheus Fernandes de Oliveira  
Pedro Campelo Lapa  
Ramon Victor de Araújo Ibiapino  
Raniely da Silva Souza  
Vinicius Oliveira Felix  
Wanderson Luiz Sales Barreto  
Yasmin Caroline Ferreira da Silva



## **CRIANÇAS DE SÃO PAULO**

Alice Vasques Aldado  
Ana Luiz Jesus de Santana  
Anabella de Paula Teisen  
André Michima Deblire  
Davi Pereira da Silva  
Estela I. Alves de Lima  
Gabriela Queiroz Nunes  
Guilherme Rodrigues da Silva  
Isabelly Silva Santos  
Julian Grota Salomão  
Kauan Duarte Pires  
Kauan Henriques Tavares Monteiro  
Kayllany Layanny Lopes Lima

Kryslanny Liandra Lopes Lima  
Laura Poltronieri Jurcovichi Costa  
Luanna Müller Rodrigues  
Sarah da Hora Coimbra  
Sebastião da Silva Dojcsar Landim  
Theo Pantrianne Chikhani Massa  
Yasmin Souza Nascimento

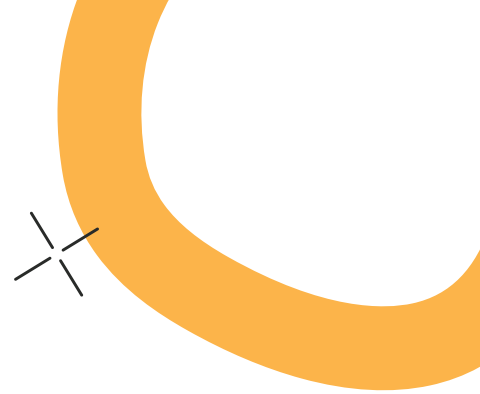




# Índice

<b>1. Por que escutar as crianças?</b>	10
<b>2. Contextualização da pesquisa de escuta de crianças</b>	14
<b>3. Sobre a metodologia de trabalho</b>	16
<b>4. Sobre o método — condições de trabalho</b>	18
4.1 Sobre o método — principais atividades e materiais	23
4.2 Sobre o método — registro, organização e interpretação do acervo	34
<b>5. Considerações finais</b>	37
<b>Notas</b>	39
<b>Anexo 1</b>	40
<b>Anexo 2</b>	43





## 1. Por que escutar as crianças?

Nas últimas décadas, no Brasil e no mundo as crianças têm sido cada vez mais reconhecidas como sujeitos de direitos e produtoras de cultura. No Brasil, o artigo 227 da Constituição Federal determina que os direitos e o melhor interesse de crianças e adolescentes possuem prioridade absoluta, de modo que devem ser respeitados e efetivados em primeiro lugar. Para viabilizar a garantia de absoluta prioridade, criou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente, que reconhece o estágio peculiar de desenvolvimento *característico* da infância e da adolescência, e, concomitantemente, coloca crianças e adolescentes em posição de vulnerabilidade e justifica a proteção especial e integral que devem receber.

Nesse contexto, iniciativas de escuta e de participação infantil vêm ganhando força e repercussão<sup>1</sup>. Inclusive, na primeira infância, elas têm sido engajadas em processos de participação, protagonismo e escuta com o intuito de incluir suas perspectivas nas políticas públicas, nas leis e em projetos de intervenção ligados às cidades, à escola e demais instituições e temáticas que lhes afetam.

No entanto, ainda é um desafio no campo da infância — do *advocacy*, da educação e da políticas públicas — realizar processos de escuta

que garantam o direito à participação, sem contradizer a máxima de serem sujeitos em fase peculiar de desenvolvimento; o que implica em se ouvir as crianças à luz de suas perspectivas, linguagens e culturas próprias. Reconhecer o brincar, as expressões plásticas, os gestos e sobretudo o pensamento simbólico e sincrético precisa ser, portanto, a base da escuta. E isso perpassa por desconstruir um modelo vigente de produção de conhecimento e práticas sociais, que parte de uma visão racionalista e pragmática, centrada na lógica, na razão, no pensamento linear e apenas no discurso oral das crianças, desconsiderando o corpo e suas linguagens, bem como o mundo simbólico e afetivo.

Essa concepção e modo de engajar a infância em processos sociais e legais acabam muitas vezes por emular a criança, induzindo-a a narrativas discursivas, lineares e performáticas que não alcançam de fato a sua perspectiva. Tais práticas costumam capturar uma camada superficial da cultura, com forte influência das instituições cuidadoras — como a escola, a família, a igreja, as organizações socioeducativas e culturais — bem como de valores e discursos advindos da mídia e da publicidade. A camada mais profunda, as múltiplas linguagens e o saber simbólico e imaginativo, torna-se pouco acessada em muitas iniciativas. Na medida em que se priorizam estratégias que trazem os temas e as situações de forma direta, conceitual e objetiva, visando também a respostas pragmáticas e coerentes com a proposição, perde-se uma oportunidade ímpar de acessar a perspectiva da criança de modo a ampliar nossas referências e saberes sobre determinado assunto ou problema.

Em nome de incluir as vozes das infâncias nas políticas públicas, nas leis, nas escolas, nas cidades e em experiências educacionais, sociais e culturais, o que ocorre em muitos casos é a exposição das crianças a situações cunhadas sob um modelo que não honra

a infância, e que gera situações de emulação, de constrangimento ou até de reprodução de vivências de sofrimento, como no caso de processos de oitiva de crianças vítimas de violências, quando feitos sem os devidos protocolos e cuidados. Muitas experiências reproduzem, portanto, modos de expressão, de produção e de interação que são próprios do mundo do adulto, mas antagônicos à infância.

Mesmo o simples e usual recurso de utilizar-se um questionário, ou um processo de escuta, baseado em perguntas e respostas literais, objetivas e mensuráveis, precisa ser problematizado. Em geral, tais estratégias limitam a possibilidade de se conhecer as perspectivas das crianças para além do que já se sabe ou da pretensão de alcance com o processo de escuta e participação. Sobretudo nas escutas referentes ao direito à cidade ou que contemplam alguma etapa de intervenção urbana — no bairro, na escola, na praça —, essa prática é muito recorrente.

Inclusive do ponto de vista jurídico há que se evidenciar que garantir o direito à participação das crianças decorre da consideração às suas particularidades, o que implica por reconhecê-las, e escutá-las, a partir de suas linguagens. Na Convenção dos Direitos das Crianças, no artigo 12, que trata do direito à participação, esse aspecto é visível na ênfase dada à necessidade de respeitar as particularidades da infância e as diferenças em relação à idade e às condições cognitivas e emocionais. De acordo com a Convenção:

- 1. Os Estados Partes assegurarão à criança que estiver capacitada a formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados com a criança, levando-se em consideração essas opiniões, em função da idade e maturidade da criança.*

- 2. Com tal propósito, se proporcionará à criança, em particular, a oportunidade de ser ouvida em todo processo judicial ou administrativo que afete a mesma, quer diretamente quer por intermédio de um representante ou órgão apropriado, em conformidade com as regras processuais da legislação nacional.*

Outro ponto a ser ressaltado no texto da Convenção é o uso do termo “consideração”. Ele evoca que é preciso assegurar à criança o direito a ter suas percepções e necessidades levadas em conta nos assuntos que lhe dizem respeito, porém não traz como condição ou desdobramento obrigatório a participação física da mesma nos processos em si. Esse aspecto é da maior importância, pois contribuiu para a salvaguarda de bebês, crianças e adolescentes de possíveis induções a situações de emulação, de exposição e de violência simbólica. Assim como evidencia o necessário cuidado e compromisso ético que pesquisadores e profissionais do direito, da educação, da assistência social e demais atores devem tomar ao realizarem processos de escuta e participação das infâncias.

Nesta pesquisa parte-se desse entendimento e da premissa de que considerar os dizeres das crianças em temas complexos, ou que sejam tocantes a elas, implica, antes de tudo, um exercício contínuo de escuta sensível, que permita respeitar e alcançar com mais êxito o lugar de fala, as peculiaridades de expressão e de existência das crianças.



## 2. Contextualização da pesquisa de escuta de crianças

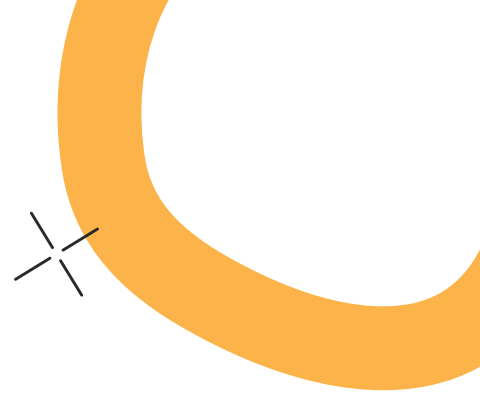
De 2018 a 2020, os pesquisadores Ana Cláudia de Arruda Leite e Gandhi Piorski desenvolveram uma pesquisa de escuta de crianças nas cinco regiões do Brasil<sup>2</sup>, com o apoio do Instituto Alana<sup>3</sup> e da Fundação Bernard Van Leer<sup>4</sup>.

O ponto de partida deste trabalho foi o interesse do Alana em considerar a perspectiva das crianças sobre o impacto das mudanças climáticas em suas vidas e nas futuras gerações. Somado a isso, a Fundação Bernard van Leer viu como oportuno escutar crianças acerca da cidade, em especial a sua relação com o brincar ao ar livre e a mobilidade nos municípios de atuação do Programa Urban 95<sup>5</sup>. A pesquisa foi assim apoiada pelas duas instituições, sendo realizada em Porto Alegre (Região Sul), São Paulo (Região Sudeste), Brasília (Região Centro-Oeste), Recife (Região Nordeste) e Boa Vista (Região Norte). A escolha das cidades levou em consideração os territórios de atuação do Programa Urban 95, o histórico de articulações institucionais dos parceiros e o critério de serem todas as cidades capitais de estados.

Em cada município buscou-se parceiros locais, tanto para encontrar um espaço adequado e disponível para a realização da oficina de escuta quanto para compor grupos heterogêneos de crianças de

4 a 12 anos, garantindo a diversidade a partir da idade, do gênero e da condição socioeconômica, étnica e racial, bem como crianças com deficiência física ou intelectual. Participaram da pesquisa de escuta 110 crianças, sendo 11% do grupo crianças com síndrome de Down, autismo, baixa visão, surdez, hidrocefalia e paralisia cerebral.

Cada grupo foi constituído por crianças heterogêneas não apenas no perfil, mas por serem oriundas de diferentes instituições, como escolas (públicas e privadas), organizações do terceiro setor, espaços culturais e instituições voltadas à educação inclusiva. Desta maneira, buscou-se potencializar a diversidade e evitar um viés ideológico ou cultural, uma vez que cada tipo de instituição tem um modo de olhar, de interagir, de se posicionar, o que, de certa forma, reflete no corpo e nas subjetividades de seus atores.



### 3. Sobre a metodologia de trabalho

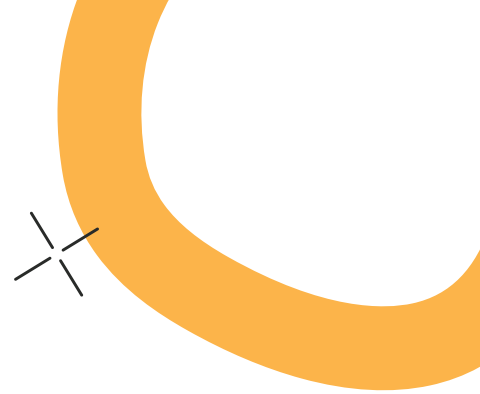
A metodologia construída partiu de uma concepção de escuta que privilegia as múltiplas linguagens das crianças e seus dizeres mais genuínos, que brotam de camadas mais profundas e subliminares da cultura, evidenciando a dimensão simbólica de suas expressões. O interesse desta pesquisa era adentrar o imaginário, os traços, os gestos, as palavras, os olhares, os silêncios, as expressões e as narrativas das infâncias. Daí a metodologia pautar-se em situações que potencializam a expressão das crianças por diferentes linguagens: pela gestualidade corporal, pela expressão gráfica, pela construção de objetos tridimensionais, pelo brincar, pelas narrativas – visto que é por meio dessas linguagens que elas mais facilmente se comunicam e revelam seus afetos, necessidades e representações individuais e coletivas.

O processo de escuta foi realizado por meio de oficinas desenvolvidas em dois formatos: imersiva, em dias consecutivos, com quatro encontros de três horas, totalizando 12 horas, e aprofundada, com intervalo de uma semana entre dois ciclos de quatro encontros cada uma, totalizando 24 horas. Em cada município foi criada uma parceria institucional para apoiar o projeto com a cessão do espaço, a infraestrutura das oficinas e o acolhimento dos adultos acompanhantes.



Ao desenvolver-se o método, buscou-se enfrentar dois desafios recorrentes em processos de escuta: 1) criar condições para que as crianças se expressem de modo livre; e 2) buscar sentidos para as produções das crianças para além dos dizeres e expressões diretas, explícitas e, portanto, mais superficiais.

Por fim, também foi um objetivo da pesquisa sistematizar e compartilhar o método criado, a fim de inspirar outras iniciativas comprometidas com a perspectiva das crianças.



## 4. Sobre o método — condições de trabalho

O método de escuta elaborado nesta pesquisa contempla seis âmbitos, considerados centrais na organização e no desenvolvimento do trabalho:

1. Mapeamento do grupo de crianças;
2. Espaço amigável;
3. Ambiência pedagógica;
4. Atividades e materiais de qualidade;
5. Registro e organização das produções das crianças;
6. Leitura e interpretação da escuta.



### 1. Mapeamento do grupo de crianças

Mapeamento do perfil do grupo participante por meio de questionário e sistematização dos dados primários, que traga informações sobre as condições sociais, econômicas, educacionais e culturais das famílias e das crianças, bem como sobre aspectos de interesse direto ao objeto da pesquisa, como o brincar e os hábitos de lazer.

Os pesquisadores aplicaram um questionário em um encontro presencial com os familiares ou responsáveis pelas crianças inscritas na oficina de escuta com o intuito de constituir uma primeira camada de percepção sobre o grupo, no que tange a aspectos econômicos, sociais e culturais. Composto de 21 perguntas – fechadas (múltipla escolha) e abertas (com campo livre de resposta) –, o questionário permitiu que se construísse um conhecimento prévio do grupo e que se estabelecessem cruzamentos entre os dados coletados, quantitativos e qualitativos. Além disso, os dados coletados foram tabulados e sistematizados de um modo que possibilitasse um entendimento mais geral sobre a amostra da pesquisa e o perfil das crianças<sup>6</sup>.

O questionário trouxe dados interessantes, como os hábitos de lazer. Na pergunta “*Quais atividades você costuma fazer para se divertir e com qual frequência?*”, as atividades mais frequentes de diversão das crianças com seus responsáveis, que aparecem nas respostas, foram: “ouvir música” (69%) e “assistir à TV” (61%). “Visitar amigos e parentes” teve frequência de 48%, seguida de “Frequentar parques e espaços da natureza” e de “Frequentar praças”, ambas com 41%. Outra pergunta que trouxe uma riqueza de informações foi sobre o brincar. Perguntou-se: “*Quais brincadeiras você costuma brincar?*” e foram citadas 259 brincadeiras, que posteriormente foram agrupadas por semelhança e organizadas em grandes categorias, conforme gráfico 6 do Anexo 1.

**Gráfico 6:** Brincadeiras mapeadas por quantidade e categorias



## 2. Espaço Amigável

O ambiente físico é um aliado importante, e também educativo. Por si só convida a criança para gestos, afetos e percepções. Considerou-se importante buscar espaços que privilegiam o contato com a natureza ou atividades ao ar livre, bem como a apropriação de centros culturais e comunitários para potencializar a contemplação, a imaginação e a adesão à proposta. Recomenda-se um território “neutro”, no qual a diversidade de grupos sociais e econômicos seja respeitada.

## 3. Ambiência pedagógica

A ambiência pedagógica implica em um compromisso ético com as crianças e com a natureza da pesquisa. A postura dos pesquisadores é determinante na garantia de um ambiente empático e favorável

à expressão. O modo como se acolhe, propõe-se as atividades e dialoga-se com as crianças e suas produções faz toda a diferença na qualidade da escuta, assim como olhar para cada criança como uma singularidade, como um ser único que deve ser respeitado em seus limites e condições de expressão e subjetividade. Fundamental também garantir, antes e durante o processo de escuta, o consentimento das próprias crianças em participar da pesquisa. Ao iniciar as oficinas em todas as cidades, primeiro fez-se uma conversa com o grupo em uma linguagem simples e acessível, onde explicou-se o projeto, seus objetivos e possíveis usos, e falou-se sobre a importância de escutá-las para a construção de uma sociedade mais democrática, justa e amigável. Nessa ocasião foi aberto um espaço para dúvidas e considerações das crianças, bem como perguntado pelos pesquisadores de forma clara e objetiva se todas estavam de acordo em participar da pesquisa e de doar suas produções para este trabalho, onde nada seria usado com fins comerciais ou outras finalidades que não honrem os direitos das crianças. Enfatizou-se também que, mesmo já tendo os pais ou responsáveis entregado a ficha de autorização, a decisão delas seria a definitiva. Esse diálogo transparente e de profundo respeito às crianças, além de ser um compromisso ético, cria já de início um ambiente propício ao trabalho, um espaço seguro, acolhedor e empático, aproximando pesquisadores e crianças.

Outro âmbito da ética do trabalho ocorre no modo como se lida com a expressão e as produções das crianças. Parte-se do entendimento de que não se deve interferir nos processos criativos, permitindo que a expressão e a ideia de cada criança seja integralmente respeitada, inclusive nas condições e barreiras enfrentadas. Este é um cuidado e uma das bases da metodologia desenvolvida nesta pesquisa, onde busca-se em todas as etapas, da concepção à execução, colocar a criança sempre em primeiro lugar.

## 4. Atividades e materiais

A escolha dos materiais a serem utilizados é um aspecto muito importante. A materialidade exerce uma força na imaginação, possibilitando mais ou menos dinamismo e expressão de acordo com sua qualidade. A seleção deve ser feita com sensibilidade e estudo sobre a diversidade de objetos e as possibilidades que exercem nos sentidos e no trabalho inventivo das crianças. Priorizaram-se materiais naturais, industriais e de artes que possuem como qualidade beleza, memória, revelação, diversidade e capacidade de fixação.

Do mesmo modo, a curadoria das atividades e experiências deve priorizar a expressão da singularidade das crianças, bem como de seus sentimentos coletivos e de suas percepções culturais, éticas e sociais.

Optou-se por trabalhar com seis formas de expressão: brincadeiras, histórias, desenho, composição de objetos, modelagem e criação de narrativas. Entende-se que a definição das atividades pode variar na medida em que existem muitas linguagens e possibilidades de alcançar os mesmos objetivos propostos. As opções feitas nesta pesquisa basearam-se no valor de cada linguagem e na oportunidade de aplicação da metodologia em outros contextos, diversos inclusive em relação às condições de recursos materiais e humanos.

## 5. Registro e organização do acervo

Catalogar e organizar as produções das crianças e dos registros em imagem, áudio, vídeo e texto é um passo imprescindível para a futura sistematização e análise. Dependendo da quantidade de atividades, de crianças e de duração da escuta, é possível ter-se, ao final, um acervo extenso, que requer uma organização antes, durante e após o processo de escuta. Identificar todas as produções e

digitalizar o acervo facilita a leitura do material, bem como seu uso em documentos e outros suportes. Transcrever as narrativas orais das crianças também amplia as possibilidades de acessar uma maior profundidade das palavras ditas e dos tons das expressões, o que traz pistas para a etapa posterior, de interpretação e análise.

## 6. Leitura e interpretação da escuta

Esta etapa implica na curadoria e seleção das produções das crianças, que pode ser feita por critérios diversos: regional, temático, estético, inclusivo (representatividade da diversidade do grupo), simbólico, entre outros. Nesta pesquisa foram construídas categorias de análise que emergiram das próprias produções das crianças e dialogam com o escopo geral desta escuta: natureza e mudanças climáticas, cidade e brincar ao ar livre. Como apoio da análise interpretativa, trabalhou-se com elementos claramente identificáveis nas produções das crianças, que não exigiam grandes conhecimentos técnicos, bem como com as narrativas orais das crianças sobre seus trabalhos.

### + 4.1 Sobre o método — principais atividades e materiais

Acredita-se que as estratégias mais adequadas à expressão das crianças são aquelas que possibilitam acessar e potencializar a vida imaginária, fantástica e lúdica, onde todas as coisas, inclusive o mundo mais abrupto e violento, podem ser olhadas sob outras perspectivas.

A partir de seis possibilidades expressivas (brincadeiras, histórias, desenho, composição de objeto, modelagem e criação de narrativas), desenvolveu-se um conjunto de atividades que foram experimentadas de formas diferentes nas cinco regiões do Brasil. Abaixo, foram

selecionadas algumas atividades para trazer referências de como desenvolver uma escuta que valorize a fala própria da criança<sup>7</sup>.

## Brincadeiras

As oficinas eram iniciadas com um momento de integração e acolhimento a partir de brincadeiras. Um momento lúdico, prazeroso, de percepção do grupo de crianças e de construção de um elo de confiança e empatia. Momento também de compartilhar repertório de músicas e brincadeiras tradicionais da cultura da infância brasileira, e de aprender com as crianças outras brincadeiras, já que elas também contribuíram com este momento de integração lúdica, trazendo outras sugestões de brincadeiras de roda, cirandas, jogo de mãos. Algumas brincadeiras também eram feitas com o propósito de aprender os nomes ou um pouco sobre as crianças, como a “Abra a Roda, Tin Do Le Lê”, “Cipó de miroró”, “Balanço do Mar”, “Bambu tira bú”, entre outras.<sup>8</sup>

## Histórias

Após o acolhimento lúdico com as brincadeiras, normalmente feitas em espaços ao ar livre, contava-se uma história. Neste momento, o foco era possibilitar ao grupo uma experiência de concentração e interiorização, convidando as crianças a se conectarem consigo mesmas a partir das histórias. Para tanto, trabalhou-se com contos tradicionais por terem uma riqueza narrativa e simbólica ímpar e conseguirem mover a força imaginativa das crianças.

As histórias contribuem para a criação de um ambiente propício para o engajamento das crianças nas oficinas, e foram escolhidas de acordo com o propósito das atividades de cada dia da oficina.



Se a atividade era individual ou relacionada a um tema mais profundo, como “origens”, “natureza da vida”, o “tempo”, utilizou-se o conto “O Rei Sapo ou Henrique de Ferro”, dos irmãos Grimm, que possibilita um mergulho profundo no mundo simbólico. Caso a atividade fosse coletiva, contava-se um conto criacional indígena, como “A Casca do Céu”, do povo Arara, ou mesmo histórias ancestrais ligadas a antigas oralidades africanas. Se o tema fosse relacionado a questões sociais, urbanas, da relação das crianças com o cotidiano, por exemplo, da cidade, trazia-se o conto “Os Músicos de Bremen”, também dos irmãos Grimm. Já para alçar voos a caminho dos sonhos, das utopias, da imaginação de outros horizontes e mundos, utilizou-se a “Moça Tecelã”, de Marina Colasanti.

A escolha das histórias tem vinculação com os elementos imaginários que elas podem despertar. São ferramentas contemplativas que permitem a aproximação das crianças com forças simbólicas mais dadas às atividades propostas. No entanto, não há a obrigatoriedade de vincular diretamente o conto à atividade, o mais importante é garantir uma curadoria de histórias de qualidade, que possuem força simbólica, elementos de origens, imagens com vitalidade encantatória, ricas em mistérios e em inteligência criadora para que sejam ampliadas as possibilidades de expressão das crianças, e de trazer camadas mais profundas e subliminares dos seus sentimentos e proposições.

## Desenho

O desenho talvez seja o primeiro e mais universal modo de expressão das crianças, desde o momento em que elas começam a utilizar riscantes (lápiz, giz de cera, canetinhas, pincel, carvão, tinta, entre outros).

Os desenhos são tão importantes no acesso ao imaginário infantil que é possível desenvolver um processo de escuta profunda e sensível

tendo como estratégia apenas o desenho. Eles são desafiadores e surpreendentemente pedagógicos, quando depois revistados pela observação cuidadosa, desprovida de julgamentos e preconceitos, para então serem interpretados a partir da leitura de seus elementos simbólicos. Do contrário, pouco se aproveita dessas produções, na medida em que muitas iniciativas de escuta usam o desenho como estratégia, mas depois não aprofundam a análise e entendimento sobre aquela narrativa da criança, tornando-se um adorno no processo, como uma ilustração ou o oposto à expressão literal do que deve estar sendo proposto, como, por exemplo, sobre uma intervenção urbana em uma praça.

Exemplos de atividades realizadas:

- Desenho individual: *desenhe a natureza contendo os quatro elementos e você. Não pode haver nada que o homem criou no desenho. Só você e a natureza com os quatro elementos.*

Nesse primeiro momento, o intuito era levar a criança para a elaboração



de uma imagem primordial da vida. Levá-la a se desenhar nesse contexto, expressar sua autoimagem em contato com essa composição de símbolos muito básicos, muito simples e estruturantes da existência.

- Desenho individual ou coletivo: *desenhem uma cidade com tudo o que vocês acham que deve existir nela. Neste desenho devem incluir suas casas, caminhos ligando as coisas, um abismo escuro e fundo, um monstro, espadas, vocês e seus amigos.*



Produziu-se um grande painel de papel em branco, o qual foi estendido numa parede da sala. Com carvão e giz pastel nas mãos, as crianças receberam esse desafio. Os elementos simbólicos aqui utilizados, alguns deles, são extraídos do Teste Arquetípico de nove Elementos, conhecido como AT9, criado pelo psicólogo Yves Durand a partir da teoria geral do imaginário. O objetivo desses símbolos é potencializar tensões, soluções e temores, localizar os nódulos do

discurso, angariar os sentimentos preponderantes, confluir aspectos paralisantes ou dinâmicos do imaginário cultural.

Esse exercício também foi feito sem o uso das imagens simbólicas, com o pedido para que desenhassem uma cidade com as coisas que gostam de fazer nela. Muito mais raramente surgiram pontos de tensão, elementos relacionais mais fortes ou comportamentos coletivos e individuais diante das situações sociais. O comum era aparecer uma cidade recortada em lugares de entretenimento, parquinhos, ou intimidade familiar. O que em si já é um elemento a se levar em conta, entretanto, mais pobre, pois não traduz uma visão de cidade e a relação complexa que as crianças têm com ela. Com símbolos como um abismo escuro e fundo, um monstro ou espadas, a narrativa se apresenta muito mais ficcional e idílica, porém é nela que surgem elementos que se concatenam de modo contraditório, mais ligados ao todo da teia social, e não apenas a quadros estanques de desejos. Assim, ficam mais claras as impressões da vida urbana na percepção das crianças. Surgem como erupções, sem filtros do discurso elaborado, assuntos como o lixo e a poluição, as pressões sociais da violência e do medo, o preconceito, a ausência de convívio com a vida comunitária e tantos outros apontamentos.

## Composição de objetos

Outra atividade realizada foi a composição de objetos a partir de elementos não estruturados, originários de refugos industriais. A composição tridimensional facilita o exercício de imaginação criadora na sua relação com o espaço e o tempo, e, portanto, com a vida corpórea.

Outro importante motivo da escolha dessa atividade é a natureza sincrética desses materiais. São de inúmeras fontes, desde as naturais, como refugos de madeiras nobres, até as científicas, como

peças de máquinas e ferramentas industriais desenhadas por engenheiros. A possibilidade de fixar com linhas coisas aparentemente incompatíveis e desconexas, é um elemento ativador e dinâmico para a criação das crianças. Narrativas de crianças pequenas puderam ganhar mais movimento e animismo, tendo o suporte dos materiais não estruturados como apoio, trazendo mais força de encantamento e narrativa nas suas expressões.

Exemplo de atividade realizada:

- Composição individual: *algo está acontecendo no planeta Terra, você construirá (com esses objetos) alguma coisa que descubra e dê a solução para o que se passa.*



Um ativador importante nessa atividade é o elemento oculto. Algo está acontecendo, mas não se sabe o que é. Este é o dínamo por excelência da infância, o mistério. Aqui as possibilidades se estendem para âmbitos infinitos. Com grande interesse inventivo as crianças mergulham nesse amplo espaço de possibilidades, mas ainda assim

trafegando no tema da continuidade da vida na Terra. Não fugimos ao tema, pelo contrário, acrescentamos caminhos para hipóteses e soluções, dentro de um todo inseparável que é a discussão sobre a sustentabilidade de nossa relação com a natureza.

## Modelagem

A modelagem, mais parecida com o desenho, se deixa levar para onde a criança aponta, sendo, portanto, um material mais livre para exploração e expressão infantil. Entretanto, há de se questionar o uso das massas de modelar. Houve algumas limitações para o propósito desta pesquisa, percebidos no decorrer do processo e na comparação com as outras linguagens e materiais utilizados nas oficinas. A massinha, enquanto material maleável, é bastante convidativa, porém se esgota rapidamente se não forem disponibilizadas algumas técnicas de modelagem. Com base na experiência das crianças com o material, percebeu-se que a modelagem tem potencial, sobretudo ao utilizar-se a argila, mas requer um público com idade a partir dos 7 anos e um certo preparo e orientações técnicas. Desse modo, as crianças conseguem se aprofundar mais na experiência, e usar a modelagem como um meio para narrar e dar sustentação às suas ideias e sentimentos. Sem um mínimo de técnica, elas passam a maior parte do tempo lutando com modos de pôr em vertical suas composições, que facilmente se quebram. Na maioria das vezes desistem, e fazem em forma de desenho, com linhas bidimensionais, como foi possível observar nas oficinas de escuta feitas nas diferentes cidades que compõem esta pesquisa.

Exemplo de atividade:

- Modelagem individual: *Faça o lugar que você mais gosta de brincar ou estar. Esse lugar pode ser real ou imaginário. Faça também o caminho (com as coisas que tem nele) que leva você da sua casa a esse lugar.*



A atividade foi importante, pois se testou o surgimento de narrativas mais concretas, que levassem em conta uma visão da criança sobre espaços físicos da cidade, da percepção dos lugares com os quais elas convivem, da representação de seus corpos nesses ambientes, da memória afetiva dos logradouros.

No decorrer da pesquisa, percebeu-se uma dificuldade das crianças, em todas as cidades, de trazer elementos sobre os caminhos. Embora integrasse a proposição da atividade, poucas trouxeram elementos sobre o trajeto. Assim, criou-se outro direcionamento para investigar com mais profundidade a mobilidade e a concretude da vida urbana nos corpos das crianças.

- Modelagem individual 2: *faça os caminhos que você percorre na vida diária. O que tem neles? Por onde você passa? Muitas coisas acontecem na escola, na natação, na sua casa, nós não queremos saber disso. Queremos saber o que acontece apenas no caminho de casa para a escola, no caminho de sua casa para o parque etc.*



Decidimos aprofundar a escuta no tema da mobilidade, nesses espaços entre as coisas, entre os lugares de acontecimentos mais significativos no cotidiano das crianças urbanas. Para tanto, também foi utilizada a mesma pergunta acima para desenhos individuais, como uma possibilidade mais livre de representação. Aqui, as hipóteses surgidas com as massinhas ficaram mais concretas. Os desenhos se desenvolveram com maior riqueza de imagens, com nítidos sinais da experiência de cidade em que hoje vivem as crianças brasileiras. Muito importante, portanto, é ter um bom repertório de atividades, conhecer os materiais com os quais se trabalha e perceber a sensibilidade que cada linguagem tem para facilitar a expressão das crianças.



## Brincadeiras com a palavra

De todas as linguagens trabalhadas nas oficinas, as atividades voltadas para a exploração das narrativas orais e escritas foram as menos presentes na pesquisa, na medida em que o grande propósito do processo de escuta era acessar outras linguagens e as camadas mais subliminares e simbólicas da expressão das crianças. Buscou-se também evitar as narrativas diretas sobre os temas e desafios propostos, as quais nomeiam e descrevem os problemas utilizando-se da oralidade ou da escrita.

Nesse sentido, deu-se prioridade a atividades com a palavra que rompam com a lógica linear, racional e pragmática, aquela onde se tem maior controle e domínio sobre a narrativa. Uma das propostas foi a construção de histórias coletivas, onde um dos pesquisadores começava a narrativa e as crianças, na ordem em que estavam na roda, continuavam livremente. Esse tipo de composição contém o elemento surpresa. O uso da palavra súbita, do repente e do improviso sempre tem a possibilidade de eclodir elementos mais profundos no sentimento e na percepção inconsciente das crianças. Ela mobiliza a expressão para caminhos muitas vezes inesperados. Essa atividade revelou rastros do sentimento coletivo das crianças, aquilo que elas intuem do social, das ideologias, dos discursos implícitos da civilização, de modo contundente.

Outra atividade realizada foi a brincadeira de palavras aleatórias, onde cada criança tinha que falar uma palavra a partir da que escutou de outra criança. Assim, trabalhou-se com o acaso, o espontâneo e a livre associação, sendo possível conhecer mais sobre o repertório e o universo das crianças.

## + 4.2 Sobre o método — registro, organização e interpretação do acervo

O trabalho de registro é muito importante, indispensável, para o segundo e mais exigente momento do estudo, a leitura do acervo produzido pelas crianças. A pesquisa requer um olhar detalhista para a catalogação das produções, pois sem este cuidado corre-se o risco de, ao final, ter-se em mãos uma massa amorfa e caótica de desenhos, objetos, fotografias, horas de filmagens, sem qualquer possibilidade de trilha e orientação. Assim, apontam-se aqui cuidados de organização do acervo ainda no campo de pesquisa:

1. Registrar no verso de cada desenho o nome da criança, idade e cidade.
2. É importante escrever no verso do próprio desenho aquilo que foi narrado. Se possível, usar as palavras da criança, as ênfases dadas – o melhor seria transcrever o texto.
3. Para catalogar os objetos produzidos é importante identificar com etiquetas o título da obra (caso tenha), o nome da criança, a idade e a cidade. Filmar ou fotografar em vários ângulos e depois acondicionar cada composição de objeto em sacos, pois muitos são frágeis e podem desmontar. Guardados separadamente, no entanto, pode-se remontá-los, tendo a referência da fotografia ou do vídeo.
4. Registrar a narrativa da criança em relação a sua produção, em áudio ou vídeo, caso ela queira. Este material de registro é utilizado apenas como subsídio da etapa de interpretação. Ele pode contribuir tornando o registro mais completo, uma vez que a criança demonstra como o objeto se move ou o som que faz.

5. No caso das modelagens, só há a possibilidade da fotografia e do vídeo para manter o registro, pois não é possível transportá-las sem destruir o que foi feito. Uma estratégia é filmar todas as produções e pedir para as crianças falarem sobre os trabalhos para se ter um registro mais completo. Importante ser opcional falar ou não sobre o que fez.

Uma vez catalogado e organizado o acervo, o passo seguinte é a leitura e interpretação do material, a fim de perceber mais a fundo os dizeres, expressos em seus desenhos, esculturas, construções e narrativas. Para tanto, trabalhou-se com elementos claramente identificáveis nas produções das crianças que não exigiam repertório de estudos do inconsciente, ou mesmo cultura simbólica. Importante enfatizar que se buscou um contínuo discernimento da diferença entre a camada psicológica do desenho (que não interessa ao propósito desta pesquisa) e a percepção coletiva (do sentimento social e de grupo das infâncias), a fim de evitar análises descontextualizadas, que podem gerar julgamentos e conclusões preconcebidas.

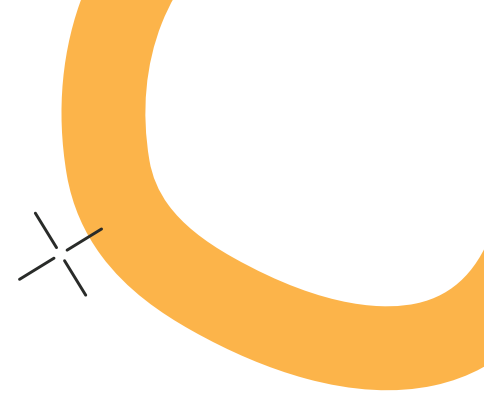
Os apontamentos interpretativos têm como intuito despertar educadores, pesquisadores e profissionais da área da infância para um modo de ler as produções das crianças a partir de um esforço de síntese das narrativas, em que se buscam os temas centrais, que podem inclusive constar justamente nas ausências, nas invisibilidades ou em aspectos que poderiam ser manifestos, e não o foram. Para tanto, dois parâmetros sustentam a proposta interpretativa, um colaborando com o outro. São eles:

1. Leitura visual dos grafismos e das formas que as crianças apresentaram. O exercício de encontrar os pontos de entrada nas obras. Os detalhes que guardam maior força de expressão.

2. A narrativa da criança sobre o trabalho realizado, por contribuir para a interpretação das produções, e, principalmente, permitir uma maior fidelidade e aproximação da intenção e da percepção da criança sobre seu processo e trabalho.

Aliado à organização do acervo, a possibilidade de ter as narrativas das crianças sobre suas próprias produções contribui para a leitura e interpretação do material, pois servem de apoio não demandando do profissional um vasto conhecimento e repertório prévio em leitura simbólica das produções infantis. Consegue alcançar mais rápido o cerne das expressões.

Um acervo de escuta permite uma gama ampla de entradas e olhares. Optou-se por discutir os principais assuntos emergentes das atividades e demonstrar com exemplos, como os identificados nas produções das crianças. As oficinas de escuta realizadas em Porto Alegre, São Paulo, Brasília, Recife e Boa Vista geraram um amplo acervo, composto de produções de crianças com diversos materiais, áudios, fotos, vídeos e registros de bordo. Ao todo são cerca de 150 desenhos, 95 objetos, 80 produções em massa de modelar e 70 horas de áudio e vídeo. A riqueza e a amplitude de conteúdo do acervo possibilitam futuramente a sua revisitação a partir de novas proposições temáticas e finalidades, que extrapolam os assuntos abordados para esta pesquisa.



## 5. Considerações finais

Um processo de escuta de crianças que tenha como intenção a construção, a sistematização e o compartilhamento de um método exige estudo, organização e paciência para se deixar permear pelo material. Depende do tempo e da disponibilidade para adentrar camadas de entendimento do que significa escutar genuinamente às infâncias, visto que o lugar de onde a criança fala requer outra noção de tempo, de espaço, de comunicação e de resultado.

Considerar as percepções das crianças, como previsto na Convenção dos Direitos das Crianças, à luz desta pesquisa não implica no ativismo e no engajamento de crianças em causas ou ações. Isso pode ser até uma decorrência da escuta, mas estes não são processos necessariamente implicados, e muito menos são sinônimos. A decorrência, sim, é a garantia do direito à participação, em que processos de escuta podem configurar-se como um caminho para trazer à luz as perspectivas infantis. Nesse sentido, o ponto crucial a ser zelado é o direito das crianças de serem consideradas nos processos que lhes são afins, sendo honradas em sua condição peculiar de desenvolvimento e em suas linguagens, características e formas de ver, sentir e agir no mundo.

Por fim, considera-se nesta pesquisa que escutar crianças é, além de um direito previsto no ordenamento jurídico nacional e em normas

internacionais, algo vital para a sociedade. As expressões advindas das infâncias são pedagógicas, são imbuídas de uma temporalidade que necessita ser repensada em nosso senso de civilização. Convocam o sonho e a imaginação como propósito de convívio e caminho de bem viver.

# Notas



1. CECIP, 2016. **Mapeamento de projetos com participação infantil no Brasil**. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/10/mapeamento2.pdf>; UNICEF Brasil e SNJ. 2014. **Participação Cidadã de Adolescentes e Jovens – Marco de Referência**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/participacao-cidada-de-adolescentes-e-jovens-marco-de-referencia>; [\[voltar para página\]](#)

CUNHA, Andréa Carla Pereira e FERNADES, Natália. **Participação infantil: a sua visibilidade a partir da análise de teses e dissertações em Sociologia da Infância**. In: DORNELLES, Leni Vieira e FERNANDES, Natália Fernandes (ed.). **Perspetivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras**. Portugal: Universidade do Minho. 2014. p. 36 - 48. Disponível em: <http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307>. [\[voltar para página\]](#)

2. LEITE, Ana Claudia e PIORSKI, Gandhi. 2019. **Escuta de Crianças: um método para escuta sensível da infância - Relatório Técnico**. Instituto Alana e Fundação Bernard Van Leer. Disponível em: <https://alana.org.br/wp-content/uploads/2022/10/escuta-de-criancas-relatorio-completo.pdf> [\[voltar para página\]](#)

3. O Instituto Alana é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem como missão “honrar a criança”. O Instituto conta hoje com programas próprios e com parceiros que buscam a garantia de condições para a vivência plena da infância e é mantido pelos rendimentos de um fundo patrimonial desde 2013. Para saber mais: <https://alana.org.br/>. [\[voltar para página\]](#)

4. Criada há mais de 50 anos, a Fundação Bernard Van Leer é uma fundação privada que busca desenvolver e compartilhar o conhecimento de experiências que funcionam no desenvolvimento da primeira infância. Fornece apoio financeiro e expertise para parceiros de governos, sociedade civil e privada para ajudar no teste e ampliação de serviços que efetivamente melhorem a vida de crianças pequenas e de suas famílias. Para saber mais: <https://bernardvanleer.org/pt-br/>. [\[voltar para página\]](#)

5. A iniciativa Urban 95, em nome dos bebês, crianças pequenas e cuidadores que raramente têm voz no planejamento urbano, nas estratégias de mobilidade e nos programas e serviços destinados a eles, busca responder à questão: Se você pudesse viver em uma cidade a partir de 95 cm – a altura de uma criança de 3 anos –, o que mudaria? Para saber mais: <https://bernardvanleer.org/pt-br/solutions/urban95-pt/>. [\[voltar para página\]](#)

6. No Anexo 1 deste sumário executivo constam alguns dados coletados por meio dos questionários aplicados nos cinco municípios, a fim de possibilitar um maior conhecimento do perfil do grupo de crianças e famílias participantes, bem como a metodologia da pesquisa. [\[voltar para página\]](#)

7. Anexos constam alguns exemplos de produções das crianças participantes da pesquisa. [\[voltar para página\]](#)

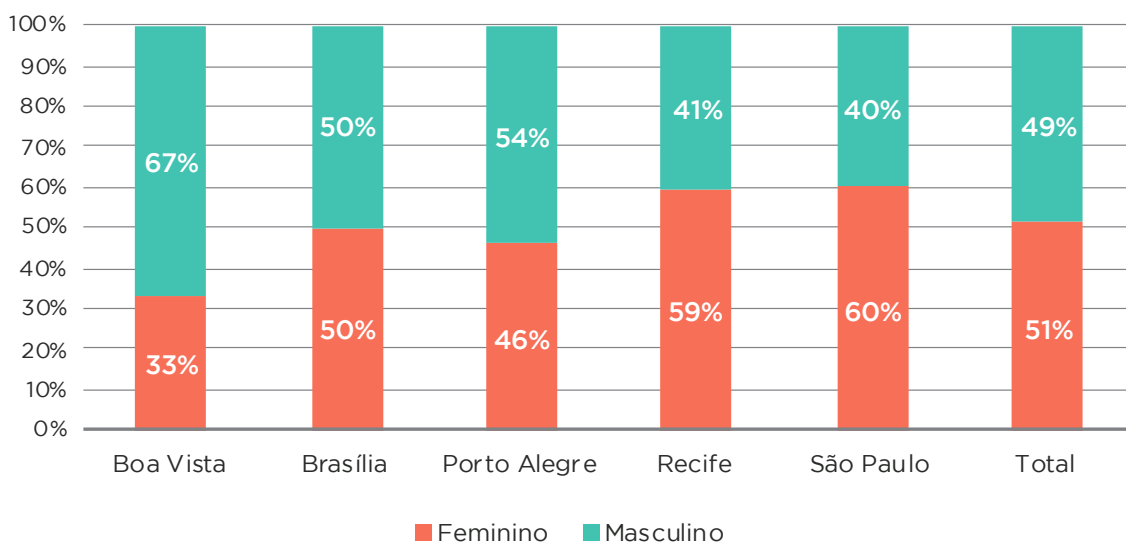
8. Essas brincadeiras e outras estão disponíveis no álbum “Abra a Roda, Tin Do Le Lê”, da pesquisadora e etnomusicóloga Lydia Hortélio. [\[voltar para página\]](#)

# Anexo 1

## Perfil das crianças e famílias participantes da pesquisa

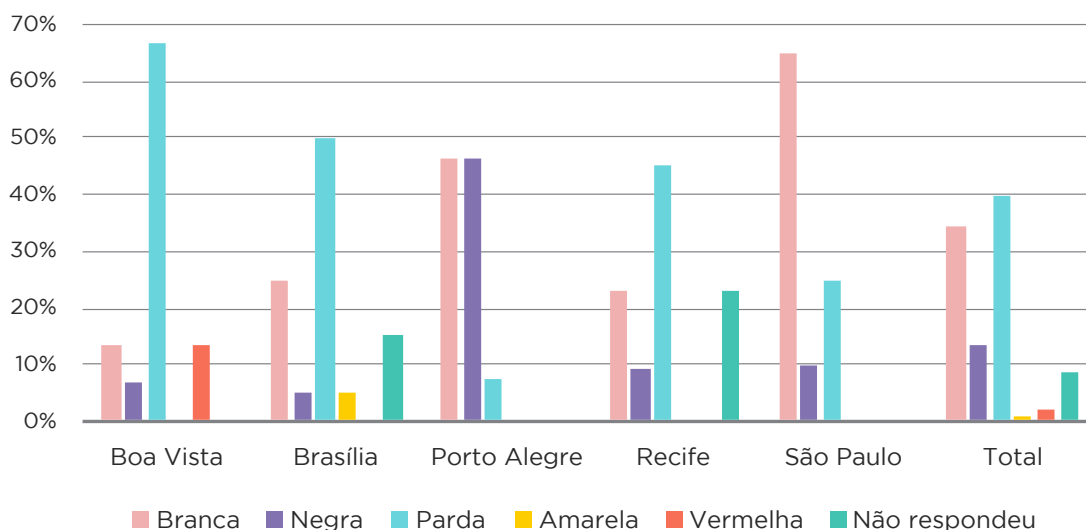
Os dados dos questionários aplicados com as famílias ou responsáveis das crianças participantes foram tabulados e sistematizados, compondo um relatório final do projeto de pesquisa realizado de 2018 a 2020. Abaixo constam dados coletados na pesquisa, os quais permitem entender melhor o perfil dos participantes e a metodologia.

**Gráfico 1:** Distribuição de sexo conforme município



Fonte: Projeto Escuta de Crianças, 2019.

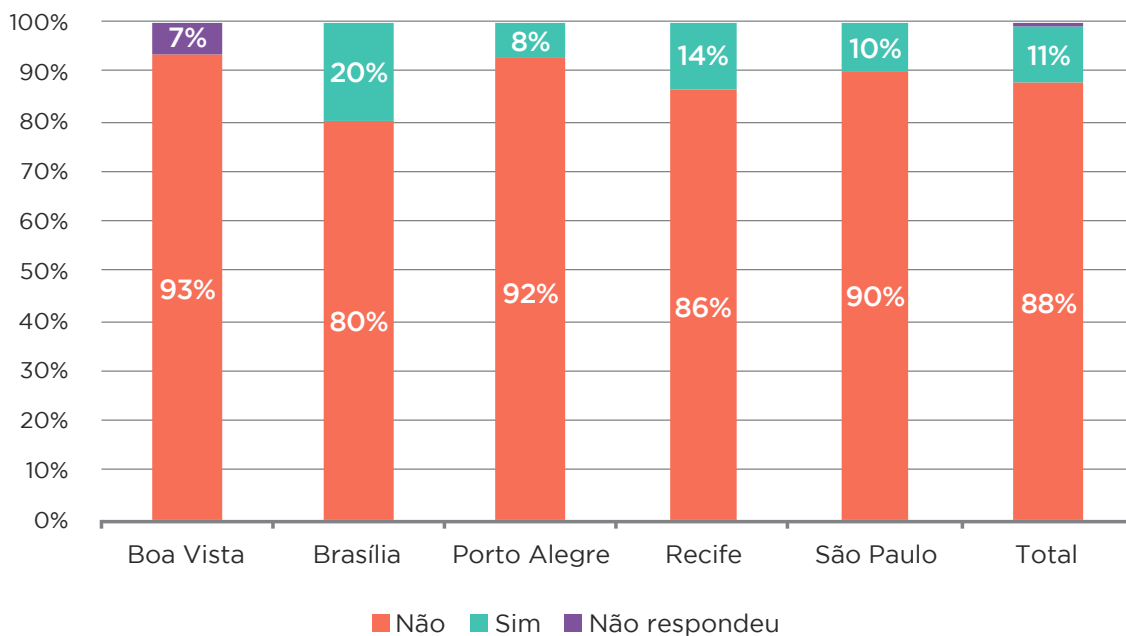
**Gráfico 2:** Distribuição racial conforme município



Fonte: Projeto Escuta de Crianças, 2019.



**Gráfico 3:** Distribuição de crianças que possuem deficiência física ou intelectual conforme município



Fonte: Projeto Escuta de Crianças, 2019.

**Gráfico 4:** Parceiros institucionais locais para composição dos grupos de crianças participantes da pesquisa



Local	Escola pública	Escola particular	Terceiro setor	Educação especial	Entidade religiosa	Instituição pública	Serviço de acolhimento
Boa Vista	x				x	x	
Recife	x	x	x	x			
Brasília	x		x	x			x
São Paulo	x	x	x	x			
Porto Alegre	x		x	x			



## Anexo 2

### Exemplos de produção das crianças por atividade realizada

1. Desenho individual: *desenhe a natureza contendo os quatro elementos e você. Não pode haver nada que o homem criou no desenho. Só você e a natureza com os quatro elementos.*



2. Desenho em grupo ou individual: *desenhem uma cidade com tudo o que vocês acham que deve existir nela. Nesse desenho devem incluir suas casas, caminhos ligando as coisas, um abismo escuro e fundo, um monstro, espadas, vocês e seus amigos.*



3. Composição individual: *algo está acontecendo no planeta Terra, você construirá (com esses objetos) alguma coisa que descubra e dê a solução para o que se passa.*

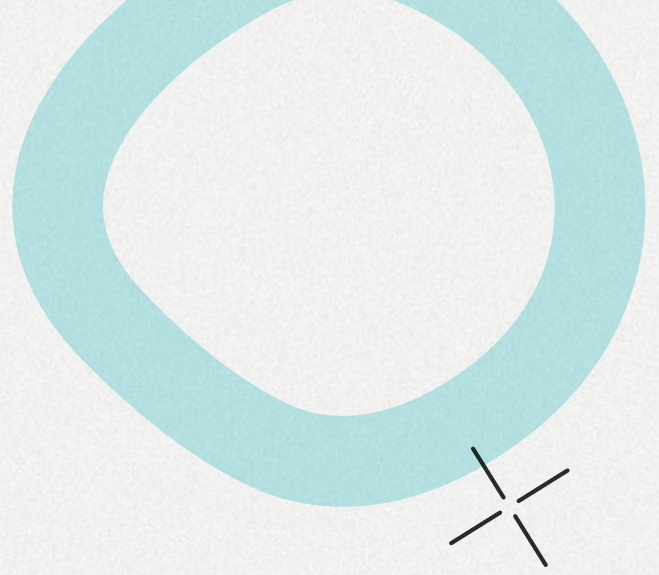


4. Modelagem individual: *Faça o lugar que você mais gosta de brincar ou estar. Esse lugar pode ser real ou imaginário. Faça também o caminho (com as coisas que tem nele) que leva você da sua casa a esse lugar.*



5. Desenho individual 2: faça os caminhos que você percorre na vida diária. O que tem neles? Por onde você passa? Muitas coisas acontecem na escola, na natação, na sua casa, nós não queremos saber disso. Queremos saber o que acontece apenas no caminho de casa para a escola, no caminho de sua casa para o parque etc.





# POR UM MÉTODO DE ESCUTA SENSÍVEL DAS CRIANÇAS

SUMÁRIO EXECUTIVO DA PESQUISA DE ESCUTA DE CRIANÇAS REALIZADA POR ANA CLÁUDIA LEITE E GANDHY PIORSKI EM SÃO PAULO (SP), PORTO ALEGRE (RS), BRASÍLIA (DF), RECIFE (PE) E BOA VISTA (RO) DE 2018 A 2020.



<https://alana.org.br/>



<https://www.instagram.com/institutoalana/>